**“Casarões” de Bocaina: Mapeamento por meio da linguagem
arquitetônica**

“Big Houses” of Bocaina: Mapping through the architectural language

“Caserones” de Bocaina: Mapeo por medio del lenguaje arquitectónico

Ana Laura Assumpção

Doutoranda, IAU-USP, Brasil
alauraassumpcao@gmail.com

Paulo César Castral

Professor Doutor, IAU-USP, Brasil.
pcastral@usp.br

RESUMO

O estudo tem como foco uma primeira sistematização do patrimônio arquitetônico da cidade de Bocaina, pertencente ao período de formação da mesma, final do século XIX e início do XX. Bocaina, localizada no interior do estado de São Paulo, representa a particularidade da ocupação das cidades do ciclo cafeeiro paulista e ainda conserva muito as características originais. Sem ter qualquer intervenção governamental, o cuidado para com esses bens arquitetônicos parece vir dos próprios moradores, os quais mantêm erguida grande parte dessas edificações até hoje. A proposta do presente estudo é entender os chamados “casarões de Bocaina” sob o ponto de vista das tendências arquitetônicas da época. Para tanto, realizou-se um mapeamento inicial de 58 residências por meio da observação das fachadas, as quais foram fotografadas em seu estado atual. Os dados foram sistematizados no formato de “fichas patrimoniais” conforme parâmetros criados por meio de revisão bibliográfica e com base em características relevantes dos estilos arquitetônicos. Foi possível observar, fundamentado na análise dos resultados, a predominância de uma arquitetura eclética, ora com elementos classicizantes, com traços *art-déco*, neocolonial, ora próxima dos *chalets*. O presente estudo constitui-se, assim, uma primeira etapa de aproximação ao patrimônio arquitetônico da cidade de Bocaina, que será desenvolvida dentre as atividades de pesquisa do Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade, do IAU.USP, com o objetivo de investigar a percepção da população em relação ao patrimônio, bem como seu papel na preservação do mesmo, podendo pautar estratégias preservacionistas no âmbito das políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio. Linguagem arquitetônica. Bocaina.

ABSTRACT

The study has as focus one first systematization of architectural patrimony of Bocaina city, pertaining to the period of its formation, in the end of the 19th century and beginning of the 20th century. Bocaina, located in the countryside of São Paulo state, represents the particularity of cities occupation of coffee cycle in São Paulo state and still preserves the original characteristics. Without any governmental intervention, the care about those architectural goods seems to come from its own residents, who keep erected large part of those buildings until today. The proposal of this study is understanding the “big houses of Bocaina” from the viewpoint of the season architectural trends. For this purpose, it was realized an initial mapping of 58 residences through the façades observation, which were photographed in their current state. The data were systematized in the format of the “patrimonial chips” according to parameters created through bibliographic review and with bases in relevant characteristics of the architectural styles. It was possible to observe, fundamented in the analysis of the results, the predominance of an eclectic architecture, or with classical elements, with art-déco traces, neocolonial, or similar to the chalets. This study is constituted, so, one first stage of approach at the architectural patrimony of Bocaina city, which will be developed among the research activities of the Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade, of the IAU.USP, with the objective to investigate the population's perception in relation to the patrimony as well as their role in its preservation, which may direct preservationist strategies in the scope of public policies.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimony. Architectural language. Bocaina.

RESUMÉN

El estudio tiene como enfoque una primera sistematización del patrimonio arquitectónico de la ciudad de Bocaina, perteneciente al período de su formación, finales del siglo XIX y principios del siglo XX. Bocaina, ubicada en el interior del estado de São Paulo, representa la particularidad de la ocupación de las ciudades del ciclo del café del estado de São Paulo y todavía conserva mucho las características originales. Sin ninguna intervención gubernamental, el cuidado de estos bienes arquitectónicos parece provenir de los propios residentes, los cuales mantienen erguida gran parte de estas edificaciones hasta hoy. La propuesta de este estudio es comprender los llamados “caserones de Bocaina” bajo el punto de vista de las tendencias arquitectónicas de la época. Para esto, se realizó un mapeo inicial de 58 residencias por medio de la observación de las fachadas, que fueron fotografiadas en su estado actual. Los datos fueron sistematizados en el formato de “fichas patrimoniales” de acuerdo con parámetros creados por medio de la revisión bibliográfica y con base en características relevantes de los estilos arquitectónicos. Fue posible observar, fundamentado en el análisis de los resultados, un predominio de una arquitectura eclética, a veces con elementos clásicos, con trazos *art-déco*, neocolonial, a veces similar a los *chalets*. El presente estudio constituye, así, una primera etapa de aproximación al patrimonio arquitectónico de la ciudad de Bocaina, que será desarrollada entre las actividades de investigación del Núcleo de Pesquisa em Estudos de Linguagem em Arquitetura e Cidade, de IAU.USP,

GC

Revista Nacional de
Gerenciamento de Cidades

ISSN 2318-8472
v. 07, n. 49, 2019

con el objetivo de investigar la percepción de la población en relación con el patrimonio, así como su papel en su preservación, pudiendo direccionar estrategias de preservación en el ámbito de las políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio. Lenguaje arquitectónico. Bocaina.

INTRODUÇÃO

O conceito de patrimônio e o processo de valorização dos bens culturais vem se evidenciando e se modificando ao longo dos anos. A afirmação da importância do ato preservacionista em diversas cidades, em especial nas pequenas cidades do interior paulista, parece permanecer no campo discursivo, embora haja exceções. Assim como acontece em Bocaina, a relação do patrimônio municipal com ações preservacionistas não chega a se consolidar oficialmente e o que mantém o patrimônio ainda vivo são ações pontuais, principalmente feitas pela própria população.

Cabe ressaltar que não se deseja colocar Bocaina como um caso singular, mas sim evidenciar a peculiaridade da formação das cidades do interior de São Paulo - uma vez que Bocaina ainda conserva muito as características da cidade antiga - e possibilitar a replicação desse estudo em cidades semelhantes.

Emancipada no ano de 1891, Bocaina se solidificou pelas grandes fazendas de café e contou com um contingente de imigrantes, principalmente de origem italiana, espanhola e portuguesa. Atualmente possui uma população estimada de 12 mil habitantes e uma economia voltada para o setor sucroalcooleiro e para a produção em larga escala de EPI (equipamento de proteção individual) em curtumes e fábricas.

Remanescentes da formação urbana e dos tempos áureos do plantio de café, ainda há na cidade um elevado número de casarões, cerca de 200, desde os mais notáveis até os mais simples. Além disso, ainda estão presentes e em funcionamento os edifícios públicos da época, como Igreja, Paço Municipal, Grupo Escolar e Santa Casa. Apesar do bom estado de conservação, tanto dos edifícios públicos, quanto dos privados, não há nenhuma lei municipal ou mesmo alguma comissão que abarque as questões preservacionistas. O que existe é uma relação afetiva da própria população com os bens patrimoniais que parece ser o fio condutor da situação atual de Bocaina.

A proposta desse estudo é elaborar um mapeamento das residências do período inicial da cidade de Bocaina-SP, nos dias atuais, sob o viés da linguagem arquitetônica. Esse mapeamento, feito por meio de “fichas patrimoniais” – fichas descritivas para posterior elaboração de um inventário dos bens municipais -, consiste em buscar, através das fachadas dos edifícios, aproximações e distanciamentos nas soluções construtivas e ornamentais com base nas tendências da arquitetura do final do século XIX e início do século XX.

O estudo parte da produção de fichas de cinquenta e oito casas ainda presentes na cidade e a sistematização ocorre conforme parâmetros selecionados por meio de revisão bibliográfica e com base em características relevantes dos estilos arquitetônicos. A seleção dessa amostragem inicial se deu considerando dois aspectos: um dos autores, natural de Bocaina, utilizou-se da sua memória afetiva para eleger essas edificações; buscou-se, dentre os objetos afetivos, as edificações em que se pôde observar mais claramente a construção original. Ainda cabe destacar que esse estudo virá a ser uma ação preliminar para uma análise mais aprofundada dos

casarões bocainenses na pesquisa de doutorado iniciada por um dos autores. Nesse sentido, mais edificações poderão ser agregadas ao mapeamento, podendo englobar toda a produção arquitetônica da época, ainda presente em Bocaina.

PATRIMÔNIO E BOCAINA

Dentro do campo da preservação, o processo que envolve as recomendações de salvaguarda sofre alterações desde a Carta de Atenas, de 1931, quando se iniciou e propagou o debate internacional do movimento preservacionista, com princípios que concerniam à proteção apenas dos monumentos. Anos depois se sobressai com a conhecida Carta de Veneza, 1964, - com a qual foi estabelecido como base da conservação e restauração não só os monumentos, mas também o “sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico” (CURY, 2000, p. 92), e, mais, para a salvaguarda desses conjuntos em função da vida humana, como na Conferência de Nairobi, de 1976, e na Carta de Washington, 1986.

Considerando que os conjuntos históricos ou tradicionais fazem parte do ambiente cotidiano dos seres humanos em todos os países, constituem a presença viva do passado que lhes deu forma, asseguram ao quadro da vida e variedade necessária para responder à diversidade da sociedade e, por isso, adquirem um valor e uma dimensão humana suplementares. (CURY, 2000, p. 217).

Rafael Winter Ribeiro (2007, p. 94) sintetiza esse processo de transformação como “o aspecto de monumentalidade e excepcionalidade dando lugar à ideia do bem como um documento, registro da história nacional e da relação do homem com seu ambiente.”

Nessa mesma linha, segundo Bezerra de Menezes (2006, p. 36), para compreendermos as questões que abarcam as concepções da cidade enquanto um bem cultural, enquanto um bem a ser preservado, é preciso compreender as qualidades da própria cidade, através de três dimensões em que ela se realiza: a dimensão de artefato, de campo de forças e das significações. A cidade como artefato, no sentido de que a cidade é coisa feita, fabricada. Um espaço socialmente apropriado, que segue padrões culturais distintos relativos à uma forma, uma função e um sentido, isto é, produzido no interior das relações desenvolvidas entre os homens. Já a dimensão de campo de forças qualifica a cidade como um espaço de tensões, conflitos e interesses em constante atuação, seja voltada à aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais. Presente no campo de forças, as práticas que constituem esse artefato também lhes dão sentido e inteligibilidade e, assim, a cidade é também representação, imagem. É fundamental para a prática da cidade, a imagem que os habitantes fazem da cidade e de seus fragmentos e que se colocam como significações. (BEZERRA DE MENEZES, 2006, p. 36)

No ponto de vista de Antonio Arantes (2006, p. 426), a própria noção de patrimônio diz respeito a uma construção social e, sendo assim, é necessário considerá-la no contexto das práticas sociais que o geram e lhe conferem sentido.

Associando a noção de ambiente à de patrimônio urbano, ela induz a reflexão e a prática patrimonial a se abrirem para os valores pelos quais os habitantes das cidades reconhecem nelas, mais do que um simples pano de fundo, um cenário morto em relação ao qual suas vidas seriam indiferentes. Esta ótica permite trabalhar com os sentidos de lugar associados às estruturas materiais preservadas (naturais ou edificadas). (ARANTES, 2006, p. 430)

O vínculo da noção de cidade como bem cultural com a ação humana possibilita, assim, um pensamento que parte de um entendimento do mental para a aplicação no concreto, ou seja, através da percepção, dos sentidos, da cognição e mais, da memória e da identidade, pertencer ao lugar, àquele bem. "O patrimônio pode ser integrado às culturas locais ou recusado por elas; tudo depende dos usos sociais a que vier a servir" (ARANTES, 2009, p. 17). É o contato das pessoas com seu ambiente e as diferentes sensações a que são envolvidas - adquiridas pela corporeidade que é ligação com mundo e quem possibilita o ato perceptivo e a relação afetiva – que abarcam as noções de pertencimento e de identidade do lugar. Entendendo lugar aqui, segundo Antonio Arantes (2009, p. 18), como espaço apropriado pela ação humana.

A identidade do lugar está intimamente ligada à relação que as pessoas têm com o mesmo, e com a capacidade de mexer com os sentimentos individuais e/ou coletivos. Assim sendo, a identidade deve ser capaz de incorporar a história e a cultura de uma determinada sociedade, de um determinado lugar. (BAPTISTA, 2013, p. 51)

Determinado lugar, como espaço da experiência, carrega uma história que diz respeito a um grupo social, localizados em um espaço e em um tempo também determinados. Participantes dessa história estão os elementos, de certa maneira, materiais e os elementos relativos a valores imateriais, que incluem desde a presença de edifícios, de monumentos símbolos, de conjuntos urbanos, até os costumes populares, como festas, músicas e comidas típicas. Todos esses elementos corroboram para o sentimento de identidade, de pertencimento e se relacionam intrinsecamente com as questões patrimoniais.

o sentimento de pertencer a coletividades nacionais, regionais ou locais assim como de ocupar posição reconhecível no mapa social ganham nova significação e importância, que se manifestam na construção de sentidos de lugar e incluem demandas de natureza patrimonial. (ARANTES, 2006, p. 430)

É diante desse contexto que a cidade de Bocaina aparece no presente artigo. Relevante por ainda manter a peculiaridade da formação das cidades do interior de São Paulo, Bocaina possui diversos "casarões" remanescentes da época do auge da cafeicultura paulista, no final do século XIX e início do século XX. Sem ter qualquer intervenção governamental, o cuidado para com esses bens arquitetônicos parece vir dos próprios moradores, possivelmente entendido pela noção de pertencimento do lugar. Tem-se como pressuposto a ideia de que o espírito preservacionista dos moradores é o que mantém erguido grande parte dessas edificações até hoje.

FORMAÇÃO DE BOCAINA

A cidade se constituiu na época dos grandes plantios de café, quando proprietários de fazendas iniciaram o cultivo dessa lavoura. Ao final do século XIX, cresciam as propriedades e crescia também a população dessas fazendas, sendo levada adiante a ideia de edificar um arraial, não somente com a construção de um edifício religioso, mas também para a difusão do comércio. (FURLANETO, 2002, p. 17)

Em 1887, foram doados 7 alqueires de terra à Igreja Católica e nessa área se fundou a Vila de São João da Bocaina. Foi construída a capela de São João Batista, delimitando a quadra relativa ao jardim e próxima a ela pela parte sul, a quadra do cemitério, onde hoje se localiza a Câmara Municipal e o Grupo Escolar. As primeiras casas foram construídas voltadas ao norte da capela, no chamado bairro Chinês. Em 1891, no dia 23 de maio, a Vila se torna município emancipado, ainda com o nome de São João da Bocaina, tendo somente em 1938 o nome alterado para Bocaina. Principalmente na década de 1890, surgiu um grande contingente de imigrantes na região, predominância para os italianos e espanhóis, os quais se destacaram entre os trabalhadores rurais, aumentando a economia da Vila e possibilitando a criação do novo município. (FURLANETO, 2002, p. 11).

Em 1930, Bocaina possuía uma população de 21.451 habitantes, 17.000 na zona rural. A lavoura de café era composta por 8 milhões de plantas e produzia cerca de 120 mil sacas beneficiadas anualmente. (FURLANETO, 2002, p. 18).

Com o progresso da cidade no início do século XX, o número de casas aumentou e a cidade passou por várias melhorias, como por exemplo, a presença de água canalizada, primeiramente nos chafarizes e depois nos domicílios, de luz elétrica e de melhorias no sistema de esgoto. Ainda no ano de 1910, cabe ressaltar que a cidade passou a possuir um sofisticado sistema de tratamento de esgoto. (FURLANETO, 2002, p. 49).

Elemento presente desde a formação da cidade, a capela do final do século XIX, transformou-se na igreja Matriz do município, cujo o responsável foi o padre Mariano Curia, presente desde 1893 na então Vila. Para além da importância da igreja como símbolo fundador da cidade e por sua arquitetura, ela se destaca pela presença das obras do artista Benedito Calixto, as quais são tombadas a nível estadual. O artista chegou em Bocaina em setembro de 1923 e iniciou seu trabalho após alguns meses. No total a igreja é contemplada com 14 telas do artista e fazem parte das últimas obras executadas por ele.

Na cidade existem duas estações ferroviárias, uma urbana e uma rural, inauguradas no mesmo dia, uma, próximo da região central e a outra, em um atual bairro afastado de Bocaina. O complexo ferroviário central, desativado no ano de 1966, pertence ao município desde 1985, no entanto, a outra estação não. Quanto a esta, hoje se encontra abandonada e, inclusive, invadida por famílias que não colaboram com a sua conservação, quanto àquela, o que ainda sobrevive do conjunto são os edifícios que abrigavam a estação ferroviária, o armazém e a casa do chefe da estação, hoje ocupado por programas municipais, como a Biblioteca Municipal.

Outras edificações ainda constituem a paisagem urbana bocainense, como o Paço Municipal, hoje Câmara Municipal, construído por volta de 1909; o Grupo Escolar, construído entre os anos de 1909 e 1911, sendo o único edifício tombado na cidade (pelo CONDEPHAAT); o Clube União, fundado em 1912 e frequentado pelos negociantes e fazendeiros da cidade; o edifício da Irmandade de Misericórdia de São João da Bocaina, hoje Santa Casa de Misericórdia, fundado em 1913 e o Cine Éden, o qual começou seu funcionamento aproximadamente em 1915, na rua Sete de Setembro e ficou em funcionamento até 1952, ano em que foi inaugurado o Cine Jequitibá, na rua XV de Novembro.

MAPEAMENTO DOS “CASARÕES”

O mapeamento dos “casarões” de Bocaina foi elaborado por meio de “fichas patrimoniais”¹, conforme parâmetros criados por meio de revisão bibliográfica e com base em características relevantes dos estilos arquitetônicos. Para a sua elaboração foram utilizadas, como referências, fichas desenvolvidas em dissertações e teses que abordam a questão metodológica para inventários, além das publicações do IPHAN. No entanto, cabe ressaltar que as fichas desse artigo são um primeiro mapeamento da produção arquitetônica de Bocaina e que não podem ser, nem devem ser, consideradas fichas de inventário. Busca-se aqui compreender melhor a arquitetura remanescente em Bocaina, mas do que elaborar um inventário propriamente dito. O delineamento do estudo conta com uma contextualização breve do campo do patrimônio e da preservação, inserindo-o posteriormente na situação de Bocaina; da formação da cidade; para então, a partir da produção das fichas das edificações ser possível identificar quais foram as tendências arquitetônicas utilizadas em Bocaina na formação da cidade.

¹ Foram elaboradas 58 fichas, no entanto, para esse artigo, devido ao tamanho reduzido, foram selecionadas apenas algumas para compreensão do trabalho.

Figura 1: Centro de Bocaina com a marcação dos casarões selecionados.

Fonte: Mapa elaborado pelos autores, 2018.

As “fichas patrimoniais” (Figura 2) contém identificação das mesmas, informações gerais sobre o bem, como endereço, foto da fachada e respectiva localização no mapa; percepção do estado de conservação – uma vez que o contato com a edificação se deu pela aparência da fachada -; breve descrição arquitetônica com dados tipológicos e construtivos e resumo – espaço reservado para os parâmetros criados pela autora com base em características relevantes dos estilos arquitetônicos: tipo de inserção no lote; volume da edificação; presença/ausência e localização de alpendre; presença/ausência de porão; tipo de cobertura; tipos de ornamentos e tipos/ formas das aberturas.

Figura 2: Modelo da ficha utilizado no mapeamento dos casarões.

Ficha nº	CASARÕES DE BOCAINA		identificação da ficha — número da ficha (1 a 58)
ENDEREÇO	FOTO		
ESTADO DE CONSERVAÇÃO			informações gerais sobre o bem — endereço e foto da fachada
☐ Excelente			
☐ Bom			
☐ Regular			
☐ Ruim			
☐ Péssimo			percepção do estado de conservação — contato com o estado de conservação pela percepção da fachada
DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			breve descrição arquitetônica — informações sobre os dados tipológicos e construtivos e resumo
INSERÇÃO NO LOTE	VOLUME DA EDIFICAÇÃO	RESUMO	
ALPENDRE	PORÃO		localização do bem — implantação do casarão na quadra e no entorno
COBERTURA	ORNAMENTAÇÃO	LOCALIZAÇÃO	
ABERTURAS			informações técnicas da ficha — autoria e data do levantamento
AUTORIA: Ana Laura Assumpção		DATA: nov/2018	

Fonte: Ficha elaborada pelos autores, 2018.

No espaço destinado à descrição arquitetônica, é possível entender um pouco mais das edificações individualmente, no entanto, como análise geral, o que se confirma é que claramente os “casarões” seguem a tendência eclética. Há algumas casas mais complexas quanto à ornamentação, quanto ao volume, outras mais simples, algumas mais imponentes e outras mais modestas.

Figura 3: Lista dos 58 casarões mapeados.

LISTA DE CASARÕES					
NÚMERO	FOTO	ENDEREÇO			
1		Rua XV de Novembro, 868	20		Rua 7 de Setembro, 263
2		Rua XV de Novembro, 356	21		Rua 7 de Setembro, 287
3		Rua XV de Novembro, 814	22		Rua Floriano Peixoto, 539
4		Rua Floriano Peixoto, 799	23		Rua Floriano Peixoto, 532
5		Rua XV de Novembro, 789	24		Rua 7 de Setembro, 134
6		Rua XV de Novembro, 742	25		Rua Alvarenga Rangel, 103
7		Rua Floriano Peixoto, 768	26		Rua Alvarenga Rangel, 117
8		Rua Valadão, 182	27		Rua Alvarenga Rangel, 135
9		Rua XV de Novembro, 657	28		Rua XV de Novembro, 469
10		Rua XV de Novembro, 621	29		Rua Alvarenga Rangel, 239
11		Rua Floriano Peixoto, 659	30		Rua Floriano Peixoto, 383
12		Rua Floriano Peixoto, 643	31		Rua 7 de Setembro, 284
13		Rua Floriano Peixoto, 621	32		Rua Floriano Peixoto, 438
14		Rua Floriano Peixoto, 650	33		Rua Floriano Peixoto, 412
15		Rua Floriano Peixoto, 592	34		Rua Floriano Peixoto, 388
16		Rua 7 de Setembro, 87	35		Rua 7 de Setembro, 384
17		Rua 7 de Setembro, 115	36		Rua 13 de Maio, 353
18		Rua XV de Novembro, 525	37		Rua XV de Novembro, 387
19		Rua 7 de Setembro, 251	38		Rua Cel. Pedro Alexandrino, 125
			39		Rua Cel. Pedro Alexandrino, 175
			40		Rua Floriano Peixoto, 334
			41		Rua Floriano Peixoto, 368
			42		Rua 13 de Maio, 259
			43		Rua Floriano Peixoto, 182
			44		Rua Floriano Peixoto, 228
			45		Rua XV de Novembro, 187
			46		Rua XV de Novembro, 139
			47		Rua Cap. Bento Rangel, 211
			48		Rua Theodoro Ricardo, 182
			49		Rua Theodoro Ricardo, 232
			50		Rua Assis de Vasconcelos, 100
			51		Rua Floriano Peixoto, s/n
			52		Rua Floriano Peixoto, s/n
			53		Rua Floriano Peixoto, s/n
			54		Rua Floriano Peixoto, 47
			55		Rua Floriano Peixoto, s/n
			56		Rua Floriano Peixoto, s/n
			57		Rua Américo Brasiliense, 269
			58		Rua Américo Brasiliense, 280

Fonte: Lista elaborada pelos autores, 2018.

Figura 4: Dois exemplos das “fichas patrimoniais”.

Ficha 19 CASARÕES DE BOCAINA			Ficha 35 CASARÕES DE BOCAINA		
ENDEREÇO Rua 7 de Setembro, 251	FOTO		ENDEREÇO Rua 7 de Setembro, 384	FOTO
ESTADO DE CONSERVAÇÃO ☐ Excelente ☐ Bom ☐ Regular ☐ Ruim ☒ Péssimo			ESTADO DE CONSERVAÇÃO ☐ Excelente ☒ Bom ☐ Regular ☐ Ruim ☐ Péssimo		
DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA			DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA		
INSERÇÃO NO LOTE Alinhado no lote com um recuo lateral	VOLUME DA EDIFICAÇÃO Retangular, acesso por porta central no térreo	RESUMO A edificação se destaca na cidade. Mesmo sendo pequena, chama a atenção pela riqueza de detalhes não encontrada em nenhuma outra casa. Muito mal conservada, está se deteriorando. Pelo desenho, vê-se que a porta da esquerda originalmente deveria ser uma janela, mantendo a simetria e a ornamentação relativa à janela da direita. Tendência eclética, com riqueza de elementos. Originalmente funcionava um hotel, hoje o uso é residencial.	INSERÇÃO NO LOTE De esquina com as duas fachadas alinhadas no lote	VOLUME DA EDIFICAÇÃO Bastante recortado com jardim na entrada com acesso por gradil	RESUMO Edificação bem conservada e que guarda a feição original, inclusive o gradil na fachada principal que possibilita a vista para o jardim. Complexa quanto à volumetria. Possui uma das fachadas simétricas. É uma das poucas casas com janela tripartida ainda existente. Tendência eclética.
ALPENDRE Ausente	PORÃO Ausente		ALPENDRE Dois alpendres. Um lateral principal, na entrada, em forma de "L", com cobertura de telha francesa, lambrequins e gradil. Outro mais íntimo, na outra fachada com lambrequins e balaustrada	PORÃO Presente	
COBERTURA Telhado simples, de duas águas. Telha cerâmica portuguesa. Platibanda balaustrada, com brasão, iniciais e data da construção (1901) e vasos de ornamentos	ORNAMENTAÇÃO Ornamentos classicizantes, cimais e pilastras (com volutas de dois tipos - ordem jônica) e ornamentos orgânicos acima da cimais de sobreverga, além de apliques de massa também com desenhos orgânicos e emolduramento das aberturas bastante trabalhado	LOCALIZAÇÃO	COBERTURA Telhado bastante recortado. Telha cerâmica francesa. Platibanda cega com detalhes pontuados seguindo um ritmo	ORNAMENTAÇÃO Ornamentação retilínea, distinta nas duas fachadas (fachada principal com mais detalhes) e presente nos emolduramentos das aberturas	LOCALIZAÇÃO
ABERTURAS Abertura central de madeira com vergas em arco pleno e bandeira em leque bastante trabalhada e com as iniciais gravadas. Outras duas aberturas de madeira com vergas em arco abatido e bandeiras retas com vidro			ABERTURAS Fachada principal: Janela tripartida, bandeira e caixilhos em madeira com vidro. Fachada secundária: janelas de vergas retas, bandeiras retas e caixilhos em madeira com vidro		
AUTORIA: Ana Laura Assumpção		DATA: nov/2018	AUTORIA: Ana Laura Assumpção		DATA: nov/2018

Fonte: Ficha elaborada pelos autores, 2018.

TENDÊNCIAS ARQUITETÔNICAS E BOCAINA

Assim como ocorreu no Estado de São Paulo, não diferente em Bocaina, a ocupação e o desenvolvimento das cidades paulistas se sobressaíram com o ciclo cafeeiro, no século XIX e início do século XX. A produção do café acelerou o desenvolvimento de vários aspectos da sociedade. Nesse sentido, o que corroborou sobremaneira foi o surgimento da ferrovia, fator primordial de ligação entre as cidades paulistas e destas com o mundo. (MASCARO, 2008, p. 87). Com ela agora havia possibilidade de importar materiais, de utilizar novas técnicas e tecnologias até então não utilizadas, de conhecer os gostos e costumes europeus através da disseminação das publicações e de ter acesso a eles, tudo em virtude dessa interrelação.

Como consequência, grande parte dessas cidades exibiu uma arquitetura que seguia os preceitos europeus, no caso, o ecletismo. A arquitetura tradicional passava a ser associada ao atraso e agora a cultura eclética representava a modernidade e a prosperidade. (MASCARO, 2008, p. 87). Em outras palavras, a liberdade pautada pelas novidades propiciara, dentre outros aspectos, uma liberdade no âmbito da moradia, de mesclar características das diferentes produções arquitetônicas mostradas na Europa.

Quanto às edificações da Bocaina, o estilo arquitetônico predominante é, de fato, o eclético. Como reforça Carlos Lemos (1999, p. 251), “entre nós, paulista, o ecletismo foi entendido, isso não poderia deixar de ser, como uma manifestação civilizada adotada graças ao café, cujo

dinheiro aos poucos foi mostrando à classe alta as novidades próprias dos povos cultos”. O poder na mão dos cafeicultores passava a criar uma nova cultura social, não mais relacionada a moradia rural, a relação servil e a escravatura, mas sim a vida na cidade e a costumes e confortos até então nunca vistos.

Era a hora de banir de uma vez por todas as marcas do provincianismo roceiro. Cada qual com suas soluções naquele clima de intervenções formais. A variedade passou a compor o cenário sem repetições, mas, ao mesmo tempo, homogeneizado pelas mesmas regras de composição, pelos mesmos ritmos das envasaduras que ganhavam predomínio sobre os cheios das alvenarias, as mesmas platibandas, os mesmos gabaritos reguladores. Era o Ecletismo. (LEMOS, 1987, p. 74)

Essa produção que se instalava em Bocaina foi viável pela vinda de construtores e artesãos estrangeiros, que imigraram principalmente da Itália. A contribuição de destaque desses profissionais se dava pela elaboração das fachadas, ornamentadas ao gosto europeu. Segundo entrevista realizada pela autora, o bocainense de origem italiana, Fernando Rotondaro, nascido no ano de 1931, conta que seu avô, Vicente Sanseverino, veio da Itália para Bocaina ainda no século XIX junto com seu amigo Genaro Lancini, profissional “frentista” – inclusive responsável pela construção da casa de Vicente, localizada hoje na Rua Américo Brasiliense, número 269. Como explica Macambira (1985, p 37), o frentista era o artesão que dominava todo o projeto de execução do revestimento e decoração da fachada. A esse profissional

Cabia o corte e assentamento dos tijolos. Formando os relevos de platibanda, cornijas, consoles, além da feitura das janelas em arco. Cabia a ele também a aplicação das massas de cimento para a formação das partes lisas das fachadas, tanto as externas quanto as internas. (MACAMBIRA, 1985, p. 38)

O frentista fazia os “frisos puxados” e era o responsável pela fixação de toda espécie de ornamentação externa, além da colocação de apliques e frisos em gesso nas paredes internas. Geralmente aprendia seu ofício na prática, como pedreiro, até aprimorar as técnicas e passar para os acabamentos. (MACAMBIRA, 1985, p. 38)

Por ser uma cidade republicana, estar no contexto em que a produção cafeeira já não era tão avassaladora, a cidade não apresenta casarões tão imponentes, não há palacetes, o que existe são exemplares assobradados (pisos únicos sobre porão). Essas questões corroboram para a compreensão da atuação dos práticos-licenciados. As características que compunham a arquitetura ao gosto europeu - principalmente no que diz respeito a aparência externa da casa -, que estava sendo produzida pelos arquitetos-engenheiros, sobretudo na capital, passa a servir de modelo para a ornamentação que era produzida por esses construtores e artesãos, uma vez que a população mais ou menos enriquecida queria adquirir o que estava em alta. Solange Lima (2008, p.12) fala sobre a produção dos ornamentos para as diferentes classes sociais.

Os moldes de ornatos encomendados para compor os palacetes serviam, muitas vezes, para reproduções posteriores, confeccionadas em materiais mais baratos, para aqueles menos abastados, mas que queriam participar do embelezamento e

modernização da cidade. (LIMA, 2008, p. 12)

Com a produção eclética vê-se uma distinção das características da arquitetura tradicional quanto ao alinhamento do lote, a complexidade dos telhados, a espaços livres, a quantidade de ornamentos, a presença de platibanda. Segundo Carlos Lemos (1999, p. 253), chegaram os telhados recortados por águas-furtadas, as casas de esquina com vasto alpendre dando para um jardim lateral sempre florido, as casas de aluguel no alinhamento, mas com um corredor descoberto com um seguro portão de ferro forjado. Além disso, “cada vez mais presentes nas construções, as platibandas começaram a ser adornadas com os mais variados estilos de ornamentos”. (ARRUDA, 2017, p. 368). Inclusive aparecem estátuas, vasos, globos, pinhas, balaústres, de modo a incrementar a fachada das edificações.

Surge também no ecletismo a tipologia de casas com porão alto, primeiramente mantendo seu alinhamento no lote e gradativamente se soltando no lote, possuindo recuos laterais até se afastar totalmente da rua. (ARRUDA, 2017, p. 368). As residências deveriam contar, obrigatoriamente, com porões para arejamento e ventilação, exigência de caráter sanitário e de higiene, além de ser uma questão de status da residência. (LODY, 2015, p. 137). Esse tipo de caracterização foi claramente observado na análise da linguagem arquitetônica das casas de Bocaina.

Uma das tendências arquitetônicas levantadas nesse breve estudo é o chamado chalé, ou então *chalet*, no francês.

Fruto do Romantismo do século XIX, e muito popular no último terço do oitocentismo, o chalé assumiu alto valor simbólico – embora de significado ambíguo –, por estar ligado tanto à noção de uma idealizada vida campestre, quanto à de modernidade técnica, que então se introduzia em São Paulo. (CAMPOS, 2008, p. 47)

Essa modalidade de edificação tem origem no movimento pitoresco inglês da primeira metade do século XVIII. Quanto às suas características, de início, configurava-se pela sua forma vernacular bastante simples, de madeira, típica da região rural da Suíça. Em geral, com plantas retangulares e telhado de duas águas, com suave inclinação, disposto de modo a voltar uma das empenas para a frente. (CAMPOS, 2008, p. 51)

No entanto, sofreu alterações, inclusive por arquitetos eruditos europeus, uma vez que algumas de suas características não se encaixavam aos novos conceitos de higiene e conforto. Progressivamente, o modelo chalé - não só se encontrava apenas no ambiente rural como foi incorporado ao urbano - foi se difundindo, chegando aos países através das revistas, da possibilidade de possuir novos materiais advindos com a ferrovia e se transformando, sendo adaptado a cada lugar e a cada gosto, inclusive incorporado ao estilo eclético. No Brasil, não foi diferente. O chalé acabou por guardar características como: telhado de duas águas com empena para a frente e largos beirais, além de adquirir uma decoração bastante usual: os lambrequins, “que tanta personalidade conferia aos chalés ecléticos de meados do oitocentismo, não pertencia de fato à construção rústica de estilo alpino.” (CAMPOS, 2008, p. 53). Em Bocaina, o que percebe são essas características pontuais dos chalés mescladas a outros estilos

arquitetônicos.

Outra tendência arquitetônica pontuada aqui é o chamado neocolonial. Surgido da reação contra o ecletismo predominante no início do século XX, “o neocolonial encontrou sua justificativa na ânsia de buscar, nas formas construtivas tradicionais no Brasil, uma arquitetura que pudesse ser definida como genuinamente autóctone”. (KESSEL, 1999, p. 65). A historiografia aponta que o movimento foi iniciado pelo engenheiro português Ricardo Severo, por meio de uma conferência em 1914, cuja o nome era A arte tradicional no Brasil: a casa e o templo. Na sua fala Severo expôs a necessidade de que o Brasil recuperasse sua trajetória arquitetônica interrompida pelo ecletismo. (ATIQUE, 2007, p. 274). Nesse sentido, o movimento teve início na década de 1910 e 1920 na capital paulista e também em outras capitais e se constituiu até os anos 1950. Foi um longo período de difusão das características neocoloniais, inclusive bastante presente em várias cidades do interior do estado de São Paulo.

A manifestação neocolonial deu mostras de ter sido muito atraente. Em parte, essa identificação foi devida ao arcabouço ideológico do movimento, que tratava de temas ligados à história, à colônia, à tradição, presentes no repertório da população em geral. Por mais distante que estivesse da arquitetura colonial, a neocolonial, ainda assim, conseguia ser legível em sua intenção de mostrar-se como representante de algo conectado ao passado. (MASCARO, 2008, p. 129)

No entanto, ainda segundo Mascaro (2008, p. 90), a produção neocolonial em pequenas e médias cidades do interior paulista, em geral, não foi muito expressiva, a não ser que houve condições especiais para a sua ocorrência. Já nas cidades maiores, a produção neocolonial certamente foi importante, uma vez que estas conseguiram superar a crise em torno do café e, conseqüentemente, da ferrovia. Isso pode explicar a pouca atuação do movimento em edifícios em Bocaina. Vale lembrar que a cidade sofreu bastante com a crise cafeeira e não só estagnou o seu desenvolvimento, como também decaiu considerável a sua população e em quase um século depois, de quase 22 mil habitantes em 1930 tem-se, atualmente, cerca de 12 mil.

O que se percebe em relação ao neocolonial (ou ainda próxima da vertente missões²) em Bocaina é a presença de algumas das características mais marcantes do movimento nos edifícios que mesclam outras tendências³, como a presença de beirais – por vezes com presença de

² O missões não é uma arquitetura originada no Brasil, mas, aqui, ele encontrou campo e foi desenvolvido, dentro de um movimento de pan-americanização cultural e arquitetônico que se tem procurado historiar. Expressão arquitetônica de um fenômeno decorrente da expansão territorial dos Estados Unidos, no século XIX, por áreas que eram de origem hispânica. (ATIQUE, 2007, p. 287). Alguns elementos se transformaram em signos dessa arquitetura: pátios internos, geralmente conformado por arcadas; poucos andares; uso de telha cerâmica do tipo capa e canal; a quase inexistência de beirais – já que as missões ficavam em áreas desérticas, onde pouco chovia -; lajotas cerâmicas ou lajes de pedras para os pisos, dentre alguns outros. (ATIQUE, 2007, p. 298)

³ Aqui podemos citar rapidamente o tipo de habitação bangalô. Como coloca Janjullo (2011, p. 48), “bungalow” originalmente se referia a um tipo de habitação colonial do leste da Índia (região de Bengala): uma casa térrea, com cômodos bem ventilados abertos para um hall central arejado, com telhado pouco inclinado e varandas em todas as fachadas. O bangalô vernacular indiano vai se transformando e se adaptando a várias regiões. Acaba que o bangalô denominado moderno, “era, pois, uma maneira moderna de viver no início do século XX, materializada no subúrbio:

cachorros falsos decorados -, de volumetria simples em forma de paralelepípedo com telhado de quatro águas, de aberturas também simples, de arcadas ou de pedras na composição da fachada.

Pode-se citar também a influência do estilo *art déco* em Bocaina, embora tenha sido pouco notada na cidade. Isso pode ser visto como consequência da própria restrição feita ao termo para designar um estilo arquitetônico, como coloca Telma Correia (2008, p. 48), tal questão se deve ao fato de o que se entende por arquitetura *art déco* englobar uma diversidade de formas, e de que edifícios que podem estar vinculados a essa tendência terem aspectos relevantes associados a outras vertentes arquitetônicas, como neoclássica, eclética, moderna.

O *art déco*, por sua vez, também aparece como uma proposta de revisão aos padrões ecléticos, numa forma de entendê-lo agora como o símbolo dos avanços progressistas. Caracterizou-se como um estilo moderno, cuja principal fase de produção se deu durante o período entreguerras.

Sua principal característica foi a diluição das propostas dos movimentos de vanguarda do início do século XX, com as correntes ornamentais do final do século XIX, além de assimilar uma série de referências de culturas ditas “primitivas” e também de culturas da Antiguidade. (DELBOUTX, 2013, p. 54)

Características marcantes do estilo – marquises, elementos ornamentais geométricos em alto ou baixo relevo; colunas, frontões, capitéis, pilastras, platibandas e volutas de formas esquemáticas; linhas retas; platibandas, pilastras ou aberturas escalonadas e vãos retangulares, circulares, escalonados ou acompanhando as superfícies curvas das quinas das fachadas (CORREIA, 2008, p. 51) – podem ser claramente observadas nesses edifícios. Inclusive algumas das edificações da cidade são de influência tardia, o Cine Jequitibá, de 1952, é um deles.

Uma questão que se nota nesse período é a escolha de qual tendência arquitetônica a ser usada conforme o tipo de uso do edifício. De um modo geral, a tendência *art déco*, com suas linhas retas e seu despojamento, com a sua ideologia voltada para o futuro, talvez tenha sido interpretada como mais adequada para edificações que fossem convenientes exibir um potencial de modernidade. (MASCARO, 2008, p. 176). Como é o caso de edifícios como postos de gasolina, cinemas, emissoras de rádio. Ao contrário, a tendência neocolonial foi priorizada em tipologias como escolas, igrejas e residências. (MASCARO, 2008, p. 177). E é justamente isso que ocorre em Bocaina, enquanto o antigo Cinema Éden, o Cine Jequitibá e o posto de gasolina ainda presente na cidade são edifícios com linhas *art déco*, a igreja de Santa Luzia é neocolonial. Apesar de presente no cenário urbano da cidade, percebeu-se o uso do estilo *art déco* em poucas residências, comparecendo em apenas um dos 58 casarões até o momento levantados.

um novo estilo de vida da classe média, centrado na família nuclear”. (JANJULIO, 2011, p. 50). Características como casas localizadas no centro do lote, com jardins e alpendres, beirais que protegiam do sol, espaços internos amplos, são questões que envolviam maior conforto e um outro modo de pensar, estar na cidade e viver com a simplicidade e bem-estar do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo não coube discutir a posição das tendências arquitetônicas, mas entender que a produção da arquitetura, no caso do interior paulista, configura-se como representativa de um período histórico, de uma sociedade e da configuração de um espaço urbano, a ver Bocaina. Mais do que isso, esse estudo surge como uma maneira de apresentar e mostrar a preciosidade de Bocaina, a qual ainda guarda tanto a configuração quanto a arquitetura da cidade original. A falta de interesse nas edificações do final do século XIX e início do século XX tende a fazer com que esses bens desapareçam e com isso, desapareça uma parte de uma história que nos diz respeito. Enquanto Bocaina ainda conserva, de um modo geral, a sua produção arquitetônica original é preciso levantar a importância disso e desenvolver cada vez mais estudos – este sendo um deles - que possam engatilhar ações preservacionistas de cunho oficial, para que a sobrevivência desses bens patrimoniais não dependa apenas da boa vontade da população, como parece ocorrer nos dias atuais. Já dizia Carlos Lemos (1989, p. 191),

nossa esperança salvaguardadora também está nas cidades do interior, aquelas crescidas sob a égide do café, que até certo ponto, construíram verdadeiras projeções da capital. [...] Afinal o café que nos fez não pode ser esquecido assim. (LE MOS, 1989, p. 191)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. A. **O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana**. Revista Habitus, v. 4, 2006, p. 425-435.

_____. **Patrimônio cultural e cidade**. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. Plural de cidades: novos léxicos urbanos. Coimbra: Ed. Almedina, 2009, p. 11-24.

ARRUDA, T. C. **Ornamentos de platibanda em edificações de Belém entre os séculos XIX e XX: inventário e conservação**. In: Anais do Museu Paulista. Nova série, v. 25, n. 3. São Paulo, set/dez 2017, p. 341-388.

ATIQUE, F. **Arquitetando a “Boa-Vizinhança”: a sociedade urbana do Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945**. Tese de Doutorado – FAU-USP. São Paulo, 2007.

BAPTISTA, A. D. **O lugar como simbiose: centro histórico de Torres Vedras**. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2013.

BEZERRA DE MENEZES, U. T. **A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano**. In: MORI, V. H. et. al. [orgs]. Patrimônio: atualizando o debate. São Paulo: 9ª SR/IPHAN, 2006.

CAMPOS, E. **Chalés paulistanos**. Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material, 16(1), 2008, p. 47-108.

CORREIA, T. de B. **Art déco e indústria, Brasil décadas de 1930 e 1940**. Anais do Museu Paulista (Impresso), v. 16, n. 2, 2008, p. 47-104.

CURY, I. [org]. **Cartas patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 2000.

DELBOUX, J. R. **Tipografia como elemento arquitetônico no Art Déco paulistano: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954.** Dissertação de Mestrado – FAU-USP. São Paulo, 2013.

FURLANETO, W. **Uma cidade e um pouco de sua história.** 1 ed. Barra Bonita: Texgraf, 2002.

JANJULIO, M. S. **Bangalô-Subúrbio: a circulação intercontinental de uma nova cultura da habitação no início do século XX.** Oculum Ensaio (PUCCAMP), v. 13, 2011, p. 46-58.

KESSEL, C. **Estilo, Discurso, Poder: Arquitetura Neocolonial no Brasil.** História Social (Campinas), Campinas, v. 6, n.1, 1999, p. 65-94.

LEMONS, C. A. C. **Ecletismo em São Paulo.** In: FABRIS, A. [org]. Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

_____. **Alvenaria Burguesa.** São Paulo: Nobel, 1989.

_____. **Casa Paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café.** São Paulo: EDUSP, 1999.

LIMA, S. F. **O trânsito dos ornatos: modelos ornamentais da Europa para o Brasil, seus usos (e abusos?).** In: Anais do Museu Paulista, v.16, n.1. São Paulo, jan/jun 2008, p. 151-199.

LODY, J. **Arquitetura e cidade: obras particulares em São Paulo, 1906-1915.** Tese de Doutorado – FAU-USP. São Paulo, 2015.

MACAMBIRA, Y. M. P. **Os mestres da fachada.** São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo em convênio com a Construtora NTR, 1985.

MASCARO, L. P. **Difusão da arquitetura neocolonial no interior paulista, 1920-1950.** Tese de Doutorado – EESC-USP. São Carlos, 2008.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.